

PARA ACREDITAR EM CASSANDRA

Francisco Humberto Cunha¹

BOTELHO, Isaura. *Dimensões da Cultura: políticas culturais e seus desafios*.
São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

Desde o Renascimento, o mundo helênico fornece ao Ocidente os parâmetros de comportamentos e valores que guiam a civilização; nem todos os modelos, porém, se mantêm, dado o advento de compreensões mais inclusivas, que vão desde a ideia de democracia geral e irrestrita (sem a presença de escravos e com a consagração de direitos individuais), até o reconhecimento legal da igualdade de gênero, que a duras penas ainda tenta ganhar corpo na realidade.

Sobre este último aspecto, aliás, a situação de inferioridade da mulher entre os gregos não poderia ser retratada de maneira mais impactante do que na peça *As Troianas*, de *Eurípedes*, cujo enredo se baseia na distribuição que delas é feita, por sorteio, aos soldados vencedores, como espólio de guerra, cabendo aos líderes, antes dessa loteria, a escolha de princesas e rainhas, como Hécuba, Helena, Andrômaca, Polixena e Cassandra.

A específica situação de Cassandra veio-me à mente, por várias vezes, enquanto eu fazia a leitura do livro *Dimensões da Cultura: políticas culturais e seus desafios*, que será oportunamente descrito, porque, com essa associação de lembranças, é imperioso que eu forneça as premissas que evocam a presença da mencionada personagem mitológica na obra assinada por *Isaura Botelho*.

Cassandra era uma princesa de Troia que foi consagrada como sacerdotisa do templo de Apolo, o protetor da sua cidade, o que lhe demandava permanecer virgem, circunstância representativa, em última instância, da virtude da fidelidade. Todavia, de tão encantadora que era, o próprio deus do qual era servçal se enamorou e quis com ela coabitar, mas não conseguiu, dada a força de princípios e determinação da moça para com a sua missão político-religiosa. Frustrado e furioso, Apolo castigou Cassandra de forma inusitada: deu a ela o dom de saber o que ocorreria no futuro (algo terrível, o de antecipar as inafastáveis desventuras, para um mundo de falíveis e mortais!); ademais, providenciou para que ninguém acreditasse em suas profecias que, por isso, caíam no vazio.

¹ Mestre e Doutor em Direito, Advogado da União e Professor da Graduação, Mestrado e Doutorado em Direito da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

Aqui começa o paralelo, antecipado na ideia de que Isaura Botelho lembra muito a figura de alguém que se tornou sacerdotisa de uma divindade chamada Cultura, divindade esta que, como Apolo, é cheia de desejos, fúrias, ternuras e contradições. E esse exercício sacerdotal Isaura também o faz em função não de um objetivo estritamente pessoal, mas como servidora de um fim público, cuja abrangência pode variar de uma cidade a um país, a continentes ou à humanidade, por enfoques que em sua obra podem atender pelos nomes e siglas de São Paulo, Brasil, Ibero-América e UNESCO.

Esses espaços geográficos, ou melhor, geoculturais, aparecem na obra de forma invertida àquela em que foram mencionados, porque a autora fez a opção quase silogística de os apresentar, no livro, a partir do mais abstrato para o mais concreto, ou seja, enfocou primeiramente os aspectos teóricos relacionados à cultura e às políticas culturais para, na sequência, adentrar sua materialização. Isso porque Isaura entende que “o nível municipal [é] que deve ser o propulsor de qualquer ação conjunta”, ou seja, o planejador primeiro e o concretizador preferencial das políticas culturais, do que decorre que quanto mais se distancia desse plano, mais tênue é a intervenção e mais abstrato o planejamento.

Todavia, se observadas as datas dos escritos, haverá a tendência de se detectar um percurso Kantiano de Isaura, representado pela máxima de que nosso conhecimento vem da nossa experiência, porque, por esse critério cronológico, primeiro vieram os trabalhos mais empíricos, os quais certamente demandaram algo que a autora demonstra ter em abundância, que é o lastro teórico. Mas a realidade sobre a sequência dos escritos envolve conjecturas.

Para uma visão mais próxima do real, do efetivamente posto, convém que se diga que o livro é formado a partir da reunião de quase trinta trabalhos, resultantes de artigos, palestras e pesquisas que a autora fez, no período de 1997 a 2014, conclusão a que se chega pelos que estão datados e com indicação de publicação anterior.

Na organização da obra, há um toque cabalístico, supostamente involuntário, representado pelo número que aponta para algo extremamente significativo, a integralização de ciclos: há quatro trabalhos feitos a quatro mãos, sendo os coautores Carlos Eduardo Torres Freire, José Márcio Barros, Maria Carolina Vasconcelos Oliveira e Maurício Fiore. Ademais, no conjunto geral, que rende um livro de 400 páginas (incluída a de créditos editoriais), caprichosamente trabalhado pelas Edições SESC, os escritos estão agrupados em quatro partes, a saber: política cultural; prática cultural; equipamentos culturais; e economia da cultura e economia criativa.

A ideia editorial de apresentar o ciclo do pensamento, das práticas e das militâncias da autora na seara da cultura ganha força a partir da observação de que reunir artigos para constituir uma obra sempre envolve riscos, sendo o mais comum o da repetição de conteúdo, não propriamente por falta de criatividade, mas porque é natural aproveitar-se de um determinado período e de distintos eventos e ocasiões para reiterar a defesa de um pensamento sobre o qual se trabalha, para diversificados públicos. Mesmo nesse aspecto a obra se sai bem, porque a autora procede conforme Werner Jaeger recomenda tratar as revisitações a uma ideia; seu autor deve perseguir o exemplo de um atleta praticante de saltos, o qual sempre volta ao ponto de partida, não com o objetivo de nele permanecer e nem mesmo de se projetar ao lugar em que já esteve, mas de permanentemente ir além, de superar sua marca. Assim é feito, o que torna cada artigo único e complementar aos demais.

Mas esse vasto conteúdo precisa ser minimamente apresentado; e para ser coerente com as alusões à cultura helênica, opto por fazê-lo percebendo na obra, não por acaso, quatro aforismos, semelhantes aos que se inscrevem nos templos em que atuam os oráculos, como se fossem máximas puramente metafísicas, mas que, se bem observadas, constituem-se em orientações úteis e até pragmáticas. Tais sentenças – que não constam literalmente no livro e, portanto, são inferências de responsabilidade minha – estão dirigidas ao campo da cultura, observado em abstrato ou concretizado por seus gestores e demais agentes, e penso que poderiam ser assim enunciadas: conhece-te a ti mesma; prepara-te para a vida; serve aos teus propósitos; e certifica-te das tuas potencialidades.

O primeiro dos aforismos – *conhece-te a ti mesma* (idêntico ao do Templo de Delfos) – tem dois direcionamentos claros: um que admoesta para a dimensão conceitual da cultura, instigando que se tenha consciência do aspecto em que é enfocada no seu manuseio, devendo-se observar se ela está sendo encarada em sua dimensão sociológica, entendida como aquela que “se refere a um conjunto diversificado de demandas profissionais, amadoras, institucionais, políticas e econômicas, o que torna visível e palpável” certa política cultural, ou em sua dimensão antropológica, a partir da qual os indivíduos “elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças, estabelecem suas rotinas”, ou seja, algo tão plural e difuso que leva à conclusão de que “as políticas culturais, isoladamente não conseguem atingir” essa dimensão, por ser um encargo cuja grandiosidade demanda a atuação “de um consórcio de instâncias diversificadas de poder”.

Essa dimensão embute um segundo direcionamento, alimentado pelo chamado de que a cultura seja conhecida além dos critérios conceituais que passeiam pela epistemologia e pela filosofia, adentrando em algo mais

pragmático e palpável, que são informações resultantes de pesquisas nesse campo, para detectar os recursos, as carências, os equipamentos e as pessoas que o circundam e permeiam. Mas mesmo esses métodos do (auto) conhecimento cultural não deixam de enfrentar embates, sendo que “um dos maiores problemas desses modelos é a distância entre a lógica política, que funciona a curto prazo, e a da pesquisa, que pressupõe o médio ou o longo prazo”.

Para a cultura, o conhecer-se leva ao segundo aforismo que é *prepara-te para a vida*, cuja atitude que melhor o materializa consiste em investir em formação, que deve ser direcionada tanto para quem tem a responsabilidade de gerir as políticas culturais como para quem frui ou deveria fruir de seus resultados; mas esses papéis não são vistos de forma compartimentada. Relativamente aos gestores, a partir do relato de algumas experiências pedagógicas direcionadas a prepará-los para o sistema e para o plano nacional de cultura de um país continental e multicultural, a autora externa a convicção de que “a flexibilidade é o que permite a adequação às realidades locais e a articulação de conteúdos teóricos críticos e práticos metodológicos”. Quanto à formação para o fruir cultural, Isaura vai muito além da primária ideia de fidelização de espectadores, ao revelar que “no paradigma da democratização da cultura há uma tendência a considerar a população apenas como público, e não como participante ativa da vida cultural”, status que adquire na perspectiva da democracia cultural.

O mote distintivo que é feito entre democratização da cultura (calçada na ideia aristocrática de fazer chegar a cultura a todos) e democracia cultural (alicerçada na convicção democrática de que as políticas culturais devem decorrer de uma construção coletiva), aliás, é o que mais fortalece a máxima *serve aos teus propósitos* que, para as políticas culturais, alguns são instrumentais e outros finalísticos, estando entre os primeiros o planejamento, a racionalização e a partilha de responsabilidades, mas todos em função de um objetivo maior que é o pleno exercício da cidadania cultural.

Mas a própria ideia de cidadania cultural não é um fim em si mesmo; quando observada na sintaxe da vida em sociedade, comuta-se também em instrumento que torna inteligível o último dos aforismos por mim percebidos na obra: *certifica-te das tuas potencialidades*. Essas potencialidades perpassam certa tríade que recentemente animou muitos debates sobre as dimensões da cultura, sendo uma cidadã, outra simbólica e a terceira econômica, todas vistas e revistas pela autora de forma crítica e experimentada, ao ponto de, por exemplo, sobre a inebriante e profusa onda de difusão da economia criativa, induzi-la à observação perspicaz de que “mais que diante de novos temas, estamos hoje diante de um novo olhar sobre questões que sempre estiveram presentes”.

Deste modo, pela experiência, profundidade, abrangência e diversidade, a obra de Isaura Botelho certamente funcionará como um oráculo científico para os que estudam ou de algum modo se relacionam com as políticas culturais, e nisso está, ao menos em parte, outra semelhança dela com Cassandra. A grande diferença entre ambas é que Isaura leva a vantagem de já gozar da confiança das comunidades científica e cultural, o que rende como resultado muita credibilidade para os resgates históricos, as partilhas contemporâneas e os prognósticos para aquilo que se projeta em termos de políticas culturais.